DE UM RESTO PERSEGUIDO SURGE A IGREJA MISSIONÁRIA

Uma aproximação teológico-pastoral a At 11,19-30 e 13,1-3

Daniel Godoy Filho

Introdução

Geralmente, temos lido a experiência da comunidade de Antioquia como o resultado do trabalho missionário empreendido pelos helenistas. Desta vez, queremos aproximar-nos desta experiência como o resultado da exclusão de um grupo minoritário que é religiosamente discriminado e perseguido. Desta perspectiva, a comunidade de Antioquia é o resultado da proposta e espiritualidade do resto desprezado. A situação vivida pelos helenistas, desprezados pelos seus irmãos judeus, oferecerá uma oportunidade significativa para contribuir na mudança do rosto da Igreja cristã primitiva e abrir as portas aos gentios, homens e mulheres, e provocar uma tarefa missionária, solidária e profética, que encontrará e acolherá os outros irmãos e irmãs que chegaram à comunidade ou passaram por ali. Este resto, na nossa leitura, é o setor mais dinâmico e prolífero da Igreja cristã primitiva.

Desenvolvimento

Os dois textos que mencionamos formam uma unidade. Podemos dizer que se trata da apresentação da comunidade de Antioquia, seu ministério e sua missão. Os textos juntos mostram uma comunidade viva, ativa e atuante, e, também, deixam registrado desde quando os seguidores de Cristo foram chamados cristãos.

Em termos políticos, a cidade de Antioquia era a terceira cidade do Império Romano. Nesta cidade, prega-se o evangelho aos judeus e aos gregos. Na comunidade cristã desta cidade começa-se a viver uma prática missionária e solidária desde os seus começos. E, ao que parece, não existiam práticas discriminatórias, seja por causa da idade, estado civil ou por questões de pureza ou impureza. Esta comunidade cristã desenvolveu não só uma prática de acolhida aos novos irmãos e irmãs, mas também socorreu os irmãos na fé que estavam passando fome e se constituiu num lugar de refúgio dos restos excluídos da cidade de Jerusalém e outras cidades do império.

Contextualização

Os textos de At 11,19-30 e 13,1-3 fazem parte de um contexto mais amplo e estão inseridos no meio de várias outras perícopes. Em nossa leitura, o contexto começa em At 6,1 e chega até At 15,35[1]. O tema central são os atos dos helenistas[2].

Do ponto de vista histórico os textos não resistem a uma análise neste nível. Isto é complexo porque dificilmente podemos localizar as perícopes pelas informações oferecidas pelos textos. Uma análise do ponto de vista literário é mais possível onde as perícopes se interconectam e relacionam. Tal é o caso, por exemplo, dos relatos de At 6,1 e 11,19; 9,1-31; 12,1-25. Também podemos ver essa relação nas perícopes de At 11,19-30 e At 13,1-3.

Contexto maior

O caminho da Igreja cristã começa em At 1,8 e termina no capítulo 12, na sua primeira etapa. Esses textos relatam o caminho da comunidade cristã de Jerusalém com os doze apóstolos, a vida comunitária, o desenvolvimento de uma comunidade unida pela fraternidade e a solidariedade, e, também, inclui alguns relatos de conflitos internos. Com isto, o texto apresenta alguns dos personagens que terão o papel principal a partir do capítulo 13 de Atos. Também oferece detalhes significativos da vida da comunidade local e de seus convertidos.

O capítulo 12, que inclui o relato da perseguição em Jerusalém, deixa aberto o caminho para a nova etapa, agora com a ausência quase total dos apóstolos e a presença ativa dos "convertidos", entre eles Paulo e Barnabé, passando pela "conversão de Pedro" ao visitar Simão o curtidor[3], acolhendo os delegados de Cornélio, visitando a casa deste e confirmando que o que ali acontecia em nada se opunha à prática cristã. Assim, a partir do capítulo 13 confirma-se a missão iniciada pelos perseguidos, relatada em 11,19-26, sendo agora pregado o evangelho quase exclusivamente fora de Jerusalém. Esta etapa vai até At 15,35, ou seja, na nossa opção, o contexto maior está dado pelos atos dos helenistas.

1. ROLOFF, Jürgen. *Hechos de los Apóstoles*. Madrid: Cristiandad, 1984, p. 10. Este autor propõe um contexto maior que se inicia em At 9,32 e conclui em At 15,35. Com esta sua opção, ele não contempla as narrativas que começam em At 6,1–9,31, onde se relata a perícope que contém a nomeação dos helenistas e sua participação na comunidade cristã de Jerusalém.
2. RICHARD, Pablo. *El movimiento de Jesús antes de la iglesia – Una interpretación liberadora de los Hechos de los Apóstoles*. San José: DEI, 1998, p. 88-89. Este autor, à diferença de Jürgen Roloff, no contexto maior inclui os relatos dos helenistas e sua participação na comunidade cristã de Jerusalém.
3. A presença de Pedro na casa de Simão revela uma prática proibida a um judeu. É muito difícil que Pedro, observador dos costumes judaicos, tenha chegado à casa deste homem que exercia uma profissão impura, pois quem entrasse em sua casa sairia contaminado. Entre as profissões impuras está a de curtidor de peles e coletor de excrementos. Uma mulher podia solicitar o divórcio se seu esposo exercesse uma destas atividades. A presença de Pedro revelaria uma abertura extraordinária da igreja de Jerusalém, uma vez que confirmava a extensão da pregação aos judeus e gregos.

Contexto menor

Esta seção faz parte do bloco literário que se inicia em 8,4 e termina sua primeira parte em 12,25. Logo, abre-se uma nova seção que se inicia em 13,1, que corresponde à missão da Igreja que começa em Antioquia e vai até os confins do mundo. Aborda o tema do testemunho dos cristãos fora de Jerusalém. Inicia-se com o testemunho de Felipe, na Samaria, e a pregação ao Etíope (8,4-40). Continua com o relato da conversão e a primeira atividade de Saulo (9,1-30), a atividade missionária de Pedro (9,32–11,18), e o relato de Atos 11,19-30, que é a igreja de Antioquia. Segue com o relato da perseguição da igreja de Jerusalém em 12,1-25 e conclui abrindo a missão da Igreja ao mundo pagão em At 13,1-3.

Estrutura do texto

Nossa leitura leva-nos a afirmar que se trata de uma dinâmica composta. Isto nos mostra que não se trata de um texto simples. Distinguimos três relatos: 11,19-26; 11,27-30[4] e 13,1-3. Na nossa análise, os textos giram em torno da cidade de Antioquia e obedecem à dinâmica de um movimento que inclui o translado geográfico e a movimentação de pessoas, umas fugindo da perseguição (At 11,19), outras viajando para pregar o evangelho a judeus e gregos (At 11,20), outras em visita oficial (At 11,21-22), outras saindo para procurar ajuda para o serviço (At 11,25), e achando a ajuda voltam de novo para a cidade de Antioquia (At 26). Algumas pessoas identificadas com uma função específica vêm para a cidade (At 11,27-28), outras, perante a crise social, organizam a solidariedade (At 11,29-30). E, novamente, a partir da cidade de Antioquia, continua a movimentação de pessoas, só que agora para fora da cidade. Esta tendência começa nos v. 29-30 do capítulo 11, fechando a movimentação para dentro da comunidade cristã localizada na cidade de Antioquia e abrindo a movimentação para fora da comunidade cristã de Antioquia, o que se inicia em At 13,3.

Comentário

Depois do longo e amplo relato dos atos de Pedro (At 9,32–11,18), os versos seguintes nos apresentam a fundação da comunidade cristã na cidade de Antioquia (At 11,19-26). Esta rápida informação da fundação da comunidade cristã de Antioquia vai deixar em evidência o que em breve será a capital do cristianismo no mundo pagão[5].

Este breve relato sobre a comunidade de Antioquia (11,19-26) e sua grande importância para o cristianismo primitivo contrasta com o anterior (At 9,32–11,18),

4. KORDER, Gerhard A. *Op. cit.*, p. 205.

5. ROLOFF, Jürgen. *Hechos de los Apóstoles*, 1984, p. 239, chama a nossa atenção para a pouca informação sobre um acontecimento que terá profunda importância para a história da Igreja primitiva. É a fundação da comunidade de Antioquia. Isto pode ser explicado pela pouca informação ou materiais que o autor teve à sua disposição. Aparentemente só tinha algumas notícias soltas que se conservaram na memória das origens da comunidade local.

onde o relato oferece muita informação sobre vários aspectos presentes nesse relato. Temos que remeter-nos neste caso à questão das fontes ou materiais que o autor teve à sua disposição sobre a comunidade local. Parece que o autor não teve muita informação sobre a comunidade cristã de Antioquia.

Sobre esta comunidade, Jürgen Roloff menciona quatro aspectos que sobressaem[6]. O primeiro é a fundação da comunidade que é atribuída a missionários vindos de Chipre e Cirene, os quais pregavam não só aos judeus, mas também aos pagãos. Não sabemos se esta indicação tem ou não relação com as personagens mencionadas no relato de At 13,1-3.

O segundo elemento mencionado por Jürgen Roloff é a chegada de Barnabé, o qual vem de Jerusalém. Esta informação que marca a chegada de Barnabé, a partir de Jerusalém, tem como propósito manter a predominância da comunidade de Jerusalém sobre a comunidade de Antioquia. Estes versos querem destacar que a missão dos helenistas faz parte da idéia de que, primeiro, a mensagem era pregada aos judeus e, depois, num segundo momento, aos pagãos (confira isto em At 13,6.14; 14,1; 17,1).

O terceiro aspecto destacado por Jürgen Roloff é a atitude de Barnabé de ir procurar Paulo e trazê-lo para Antioquia, onde ficaram juntos e trabalharam na comunidade cristã por um ano e foram chamados cristãos. Este será o nome que identificará os novos convertidos. O qualificativo "cristãos" inclui tanto judeus quanto pagãos. É um nome inclusivo, além das diferenças territoriais e de raça. É um nome amplo e aberto.

O resto começa a encontrar-se

Atos 11,19-30 relata os resultados da missão empreendida pelos helenistas, uma vez que foram perseguidos em Jerusalém, por ocasião da morte de Estêvão. Este relato é breve, quando relacionado com a importância que a igreja de Antioquia terá na missão, já que, a partir de 13,28, Paulo empreenderá seu trabalho missionário até os confins do mundo.

A pouca quantidade de material sobre Antioquia também pode ser compreendida a partir da escassa documentação que o redator possuía, mas, pela importância de Antioquia, devia registrar estes acontecimentos e colocá-los na nova forma que estava tomando o cristianismo fora de Jerusalém.

A judeus e gregos

Nos v. 19-21, o resto perseguido e disperso, no seu novo lar, prega a boa-nova do Senhor Jesus. No início pregava somente para seus concidadãos. A mudança ocorre

6. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 239-240.

através de alguns habitantes vindos de Chipre e Cirene[7], os quais pregavam a boa-nova de Jesus também aos gregos[8].

Os cipriotas são judeu-cristãos, assim como Barnabé, o que nos faz pensar que tinham a mesma atitude e compreensão das observâncias e práticas judaicas. Já no caso dos cireneus, pode ser que se trate de judeu-cristãos convertidos na festa de Pentecostes (2,10), ou talvez de judeus da diáspora, assim como os cipriotas e os helenistas. Pablo Richard afirma que os cipriotas e cireneus "são certamente do grupo dos helenistas"[9]. O que chama a nossa atenção é a grande novidade que acontece e que se começa a falar-pregar a boa-nova de Jesus aos gregos. Ao que parece a resposta do novo auditório foi rápida, segundo deixam ver os v. 20-21.

Para estes grupos de novos convertidos a observância da lei, aparentemente, não era obrigatória. Nosso texto não inclui nem fala sobre a circuncisão ou as leis de pureza. Isto pode indicar que em Antioquia se recebiam e batizavam os novos convertidos sem ter que circuncidá-los, assim como Pedro fez em At 10,47. Comblin, a partir deste fato, afirma que Barnabé devia estar de acordo com essa prática, já que na missão dos capítulos 13 e 14 não inclui a circuncisão como requisito prévio para fazer parte da comunidade cristã[10]. Isto mostra também uma situação de igualdade eclesial, onde os pagãos são aceitos sem as exigências de cumprir as práticas judaicas, o que indicaria uma superação das categorias de puros e impuros, incluindo o compartilhar à mesa, possibilitando a convivência e a prática da hospitalidade (10,17). Também recordamos que Felipe prega aos samaritanos, e que Pedro aceita Cornélio[11], não mencionando exigências judaicas aos convertidos. Talvez seja por isto que, nas cidades fora de Jerusalém, a mensagem do evangelho de Jesus encontrou portas abertas, porque podia oferecer uma esperança de solução para as tensões que existiam entre os judeus e os gregos.

Em 8,1 menciona-se que alguns foragidos da perseguição em Jerusalém chegaram a Antioquia. Outros vieram de Chipre e de Cirene, estando sobre todos "a mão do Senhor". Este é outro sinal da superação das diferenças que se evidenciavam no início do relato de Atos. Ao colocar, no v. 21, a expressão "a mão do Senhor", o autor retoma a tradição veterotestamentária de 2Sm 3,12, procurando com isto reconhecer que a missão dos helenistas tinha o reconhecimento ou aprovação divina e que fazia parte do plano divino.

7. LÜDEMANN, Gerd. *Early Christianity According to the Traditions in Acts – A Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1989, p. 136. Para este autor a informação contida nestes versos, e que menciona os missionários da Fenícia e Chipre, faz parte da tradição.

8. CROWE, Jerome. *The Acts*. Delaware: Wilfred Harrington e Donald Senior (editores), 1986, p. 84.

9. RICHARD, Pablo. *El movimiento de Jesús antes de la iglesia*, p. 89.

10. COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. São Leopoldo/São Bernardo do Campo/Petrópolis: Sinodal/Imprensa Metodista/Vozes, 1988, vol. 1, p. 206.

11. THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985, p. 52.

Pelo fato de esta igreja não ter sido fundada pelos apóstolos, o reconhecimento, se o colocamos em perspectiva hierárquica, vem agora com o envio de Barnabé, o representante de Jerusalém.

De Jerusalém até Antioquia

Os v. 22-26 mostram que existia intercâmbio entre as cidades de Antioquia e de Jerusalém (8,14; 9,32), pois os líderes da igreja de Jerusalém enviam um representante para acompanhar a obra missionária fora da cidade. Enviam Barnabé[12], que tinha bom testemunho. Era conhecido (4,36), estava na mesma linha de Estêvão e dos sete helenistas. Era cheio do Espírito Santo, homem de fé (6,10). Um dos primeiros exemplos concretos sobre Barnabé aparece quando compartilha seus bens com os que não tinham, quando vende seu campo e coloca o valor da venda aos pés dos apóstolos (4,37). Com esta atitude da comunidade de Jerusalém se retoma uma prática já conhecida. Assim, em 8,4-25, depois da evangelização dos samaritanos, a comunidade envia delegados, neste caso, João e Pedro.

Agora, poderia uma pessoa como Barnabé, semelhante aos helenistas, representar o pensamento e postura hierosolimitana? Nossa leitura nos indica que aqui haveria mais de uma possibilidade, mas que, de fato, é uma questão que podemos abordar a partir de uma perspectiva cronológica.

De imediato, Barnabé romperia a tradição de Jerusalém de enviar apóstolos quando se trata destes temas. Por exemplo, em 8,14, por ocasião da recepção da Palavra de Deus em Samaria, os enviados foram Pedro e João. Isto se deve ao fato de que Barnabé, como diz J. Auneau[13], "falava as duas línguas". Ele procura Paulo, seu amigo, a quem já tinha acolhido e apresentado aos apóstolos em 9,26. Muitos tinham medo dele, porque ele poderia enfrentar os gregos, entre os quais havia alguns intelectuais, o que equivaleria a doutores em judaísmo ou também gregos letrados. Este argumento nos parece possível, mas buscar Paulo bem pode refletir um aumento considerável do trabalho de catequese na comunidade antioquena. Também pode refletir uma prática presente na comunidade de Jerusalém, a qual poderia ser entendida como parte da comunhão, com o propósito de testemunhar e legitimar o que acontecia nas outras cidades. Como dissemos neste caso, não é um apóstolo, é um cipriota, que depois será chamado também de apóstolo (14,4.14).

Para compreender o envio de Barnabé temos três alternativas: 1) Se o governo dos apóstolos ainda estivesse em Jerusalém, o envio de Barnabé seria muito difícil, isto se consideramos a prática dos apóstolos que, nos primeiros capítulos de Atos, atuavam como dirigentes máximos da Igreja (4,32; 5,1; 5,12; 6,2; 8,1; 8,14; 9,27) e tentavam acompanhar os processos internos da comunidade. 2) Se situamos a missão

12. CROWE, Jerome. *The Acts*, p. 85.

13. AUNEAU, J. e outros. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1986, p. 250.

num tempo mais tardio, quando Jerusalém não está sob a direção dos apóstolos e, sim, dos anciãos, é muito provável que Barnabé tenha sido o delegado de Jerusalém. Logo, Pedro esteve na casa do curtidor e ali acolheu os delegados de Cornélio. Esteve com eles e, depois, foi até a casa dele. Comprovou o que acontecia e, havendo sido batizados pelo Espírito Santo, Pedro não pôde fazer outra coisa a não ser aceitar como irmãos os que foram batizados com água. Esta prática de Pedro poderia justificar uma certa abertura de Jerusalém para com o mundo gentio. Como não tinha nada contra as práticas cristãs, não era necessário enviar um apóstolo. 3) Outra alternativa pode ser que o autor queria manter uma espécie de supremacia de Jerusalém sobre as outras comunidades[14], mas os fatos lhe foram indicando que aquilo não era possível, devido à força que tomou a missão dos helenistas, a qual passou dos limites do controle de Jerusalém.

Também pode ser que, com Jerusalém num segundo plano, Antioquia, que comporta alguns membros de melhor situação, tenha assumido uma liderança devido à influência que estava exercendo com os "carismáticos itinerantes", e, também, porque a leitura e interpretação da lei não estava atada a tradições fixas e indiscutíveis.

De acordo com os v. 25-26, Barnabé, tendo reconhecido e confirmado a fé da comunidade local e não voltando para Jerusalém, foi buscar Paulo e o levou até Antioquia[15]. Isto indica que a missão foi bastante longa e que num primeiro momento ele não voltou para prestar contas de sua missão. A partir da visita, estadia e trabalho da comunidade liderada por Barnabé e Paulo, os discípulos ou os novos convertidos serão conhecidos como cristãos[16]. Trata-se de um título pejorativo (26,28; 1Pd 4,16), já que os próprios apóstolos preferem chamar-se discípulos, santos ou irmãos. O que eles ganharam na Síria é uma espécie de apelido, dado pelos de fora. Era mais comum usar a expressão "caminho" como em 9,2 e 22,4, para designá-los. Estes nomes indicam algo bem mais dinâmico a respeito dos seguidores de Jesus. Algo que tem movimento.

A viagem de Barnabé é possível fazê-la com relativa facilidade, porque Tarso ficava próximo de Antioquia. O texto não informa o que Paulo fazia em Tarso. A última informação que dele temos é de sua visita a Jerusalém em 9,30. Também não sabemos quanto tempo passou ali.

Seja como for, ele ficou um ano todo, junto com Barnabé, ensinando na comunidade local. Foi por causa desta missão e da permanência de Paulo na cidade que os seguidores de Cristo foram chamados cristãos. Também as conquistas da comunidade de Antioquia, segundo a lógica do relato, obedecem à entrega e dedicação integral de Barnabé. Ele se converteu numa espécie de motor da comunidade e

14. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 240.
15. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.
16. CROWE, Jerome. *Op. cit.*, p. 85.

motivador da tarefa missionária que atingira os povos além do âmbito judaico. Ele encontra apoio fundamental na figura de Paulo, com quem desenvolve grande parte da missão da comunidade local, convertendo-se depois em dois líderes destacados da comunidade. Podemos dizer que eles atingem o ponto mais alto de seu trabalho quando o Espírito Santo os escolhe (At 13,2) para a missão que inicia a comunidade de Antioquia, contida nos capítulos 13 e 14 de Atos.

Profetas e profecia

Os v. 27-28 nos trazem a informação "por aqueles dias", que o autor usa como recurso literário para dar continuidade ao relato anterior e, assim, reinicia as informações da comunidade de Antioquia. Esta afirmação também pode fechar, teoricamente, o ano do qual se fala no v. 26. É a chegada dos profetas vindos de Jerusalém. Neste caso eles não são enviados ou representantes da comunidade cristã de Jerusalém. Eles atuam movidos pelo Espírito[17].

A figura dos profetas para o livro de Atos até aqui é desconhecida. O autor, bruscamente, nos informa a respeito destes profetas que viajavam pelas comunidades. Se procurarmos pela importância destes profetas na vida das comunidades primitivas, veremos que estes têm uma importância bem maior do que o autor lhes outorga neste relato. Jürgen Roloff explica esta falta de informação por parte do autor devido ao fato de querer relegar a um segundo plano o fenômeno carismático-profético[18].

Os profetas eram pregadores carismáticos ligados, às vezes, a uma comunidade local e outras vezes realizavam seu ministério de forma itinerante (13,1). Eles previam o futuro e exortavam. Ágabo previu uma grande fome que se estenderia por todo o mundo habitado (11,28). Neste caso, a fala de Ágabo é anunciar a vontade de Deus revelando o futuro e o que acontecerá com a vida das pessoas.

O texto, mesmo que abruptamente, deixa manifesto uma espécie de intercâmbio de pessoas e dons entre Jerusalém e Antioquia. Também o relato mostrará que aconteceu o intercâmbio a nível solidário entre as duas comunidades nos momentos de crise econômica. Isto ocorre de forma especial após a profecia de Ágabo. Ou temos que ler este relato numa perspectiva apocalíptica ao estilo de Mc 13? Quando o texto afirma que a profecia se cumpriu nos tempos de Cláudio, o que se quer deixar claro é que a profecia teve cumprimento histórico, mesmo que não tenhamos informações de que essa grande fome tenha atingido o mundo inteiro nessa data. Para Pablo Richard essa constatação de que tenha acontecido nos tempos de Cláudio (possivelmente entre os anos 46-48) é um erro cronológico[19].

17. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.
18. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 247.
19. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.

Uma análise das palavras atribuídas a Ágabo nos leva a perguntar se o anúncio se referia só a Jerusalém. Neste caso, o mundo habitado seria essa região ou, então, o que aconteceu com as outras cidades como Tarso, Éfeso e a própria Jerusalém. Ou as outras comunidades espalhadas pelo império não precisavam de ajuda? O texto não diz nada sobre esse aspecto.

A profecia não se cumpriu no sentido de abranger toda a terra. Nesta época havia situações de fome, mas não aconteceu uma fome que abrangeu todo o império. Uma fome aconteceu nos dias de Cláudio (41-54 dC), por volta dos anos 46/47, e foi muito intensa, com grandes conseqüências, especialmente para os mais pobres. Agora, se é a esta fome que o autor de Atos se refere, então teríamos uma iniciativa local que tenta ajudar os irmãos e as irmãs necessitados[20]. Sobre este tema, Flávio Josefo entra em contradição quanto à data da fome. No seu livro *Antigüidades Judaicas*, fala de uma carestia que assolou Jerusalém no reinado de Cláudio. Em outras passagens de sua obra, ele localiza a carestia nos tempos do procurador Tibério Alexander, nos anos 44-48 dC.

Não temos antecedentes, no livro dos Atos, a respeito de outros profetas, salvo os mencionados em 13,1. Podemos dizer, falando dos profetas, que eles eram cheios de sabedoria e do Espírito Santo. A primeira vez que se fala deles é a partir do momento em que os sete são apresentados ante a assembléia na comunidade de Jerusalém. Mesmo assim Lucas tende a reduzir o papel dos profetas com o propósito de destacar o papel dos apóstolos na fundação da comunidade e dos presbíteros na organização atual[21]. Minimiza-se o papel dos profetas porque a sua função era mais do que anunciar o futuro. Eles eram animadores, missionários.

Percebemos aqui certo nível de organização acontecendo na comunidade. A questão é esta: por que os profetas vêm de Jerusalém? O fato de provirem de Jerusalém não significa que os profetas representem Jerusalém, mas que haviam passado por ali, seguindo viagem até Antioquia. Esta prática, ao que parece, era comum naqueles dias.

Assim entendemos que Ágabo em At 21,10 tenha descido novamente à Judéia. A comparação dos dois relatos (At 11,27 e 21,10) nos mostra uma prática comum de Ágabo e dos profetas, viajar de uma cidade para outra: "enquanto passaram vários dias aí, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo".

Em At 11,27 é a primeira vez que se fala explicitamente de profetas[22]. Uma das funções do profeta era a edificação da Igreja, especialmente através de palavras de encorajamento e conforto (1Cor 14,3). O termo profeta se usa também em 1Cor 12,28. Ou seja, é um termo conhecido das comunidades cristãs primitivas. Temos

20. THEISSEN, Gerd. *Sociologia da cristandade primitiva*, p. 80.

21. COMBLIN, José. *Op. cit.*, p. 207.

22. LÜDEMANN, Gerd. *Early Christianity According to the Traditions in Acts*, p. 137.

que dizer que estes profetas, ainda que vindos de Jerusalém, não são enviados pela comunidade como é o caso de Barnabé. Eles são movidos pelo Espírito[23]. Mesmo assim, teríamos dois grupos de profetas na comunidade local. É o grupo de Ágabo e o grupo de Antioquia. A informação destes versículos cria um sério problema cronológico e teológico.

O problema é quanto à data da fome generalizada que não é comprovável historicamente. De fato não aconteceu nada parecido nos tempos de Cláudio. Naqueles tempos, século I, como hoje, havia regiões que enfrentavam situações de crise e de falta de alimentos, mas isso não ocorria em todo o mundo. Temos informações de que, pelos anos 46/47 dC, uma fome afetou a Palestina, causando sérias dificuldades, o que coincidiu com a celebração do ano sabático[24]. Esta datação da fome nos tempos de Cláudio novamente entra em contradição, porque a coleta foi levada ou entregue no mesmo tempo em que a comunidade de Jerusalém era perseguida por Agripa I (41-44). Assim, seguindo as informações do texto, Barnabé e Paulo estiveram em Jerusalém no tempo da perseguição. Também fica difícil aceitar que Paulo tenha levado a coleta, isto porque as informações de Atos são diferentes das oferecidas pelo próprio Paulo em Gl 1,18, onde ele informa que entre a sua conversão e o concílio de Jerusalém não visitou a cidade.

Esta situação pode ser abordada a partir de várias perspectivas. Nós optamos por aquela segundo a qual o autor teria reelaborado este texto. Os v. 27-30 são uma compilação de informações que recolhe notícias de profetas itinerantes, informações sobre uma fome e a prática dos cristãos antioquenos de contribuir para os necessitados. Quer dizer que, segundo Pablo Richard, seria uma missão de solidariedade da comunidade de Antioquia para com os necessitados[25]. Jürgen Roloff pensa que estas informações poderiam vir de Jerusalém[26], e especificamente o v. 28 seria de Jerusalém e fala de uma profecia ali conhecida. O v. 29 poderia ter sua origem na própria Antioquia, sendo escrito a partir de um fato em que a própria comunidade participou, e poderia ter seu apoio nos próprios anciãos e não nos apóstolos, como o autor nos informa e permanentemente os coloca como as figuras sobressalentes da Igreja. Jürgen Roloff acaba dizendo que a profecia de Ágabo não tinha nada a ver com a coleta que aconteceu por aqueles dias na comunidade cristã de Antioquia[27].

A expressão "por aqueles dias" devemos entendê-la como recurso gramatical literário com o propósito de unir uma cena com outra. Nesta mesma linha também está *hoì mev oùv*, que liga o relato com At 6,8-9.

23. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.

24. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 243.

25. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.

26. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 246.

27. *Ibidem.*

De acordo com os v. 29-30, a profecia motivou os cristãos em Antioquia a enviarem uma coleta à Judéia. Trata-se de um ato de solidariedade entre irmãos. Esta seria uma das primeiras coletas na qual a igreja de Antioquia participava em favor de Jerusalém. Segundo Andrew Kirk, não era surpresa que a igreja gentia contribuísse para os pobres[28]. Aparentemente a comunidade de Antioquia tinha condições de colaborar economicamente com outras comunidades. Não obstante, a palavra *diakonia* é um termo técnico para referir-se à coleta e reflete uma atitude responsável e solidária dos cristãos da comunidade de Antioquia que não foram atingidos pela fome, em benefício dos irmãos que foram atingidos pela fome profetizada pelo profeta Ágabo.

A questão histórica é difícil de aclarar. É a mesma coleta motivada por Paulo ou é outra? Segundo Comblin, Lucas confunde esta ajuda com a grande coleta de Paulo. Se for outra coleta, Paulo não viajou com Barnabé para Jerusalém[29]. Como poderiam viajar Barnabé e Paulo até Jerusalém se por esses dias havia sido morto Tiago, e Pedro tinha conseguido fugir da prisão? (12,25).

The Anchor Bible Dictionary, referindo-se à fome anunciada pelo profeta Ágabo, afirma que seria uma outra história e que Lucas a usou em função da sua proposta (12,25).

Esta viagem de Paulo não se concilia com Gl 2,1. A este respeito, Eduard Lohse diz que aqui se verifica uma flagrante contradição. Paulo assegura expressamente que visitou apenas uma vez a comunidade de Jerusalém entre a sua conversão e o concílio dos apóstolos.

De acordo com Atos, ele foi duas vezes[30]. O próprio Eduard Lohse percebe este impasse e constata que Atos não está apresentando uma cronologia, mas traçando um esquema teológico no seu relato.

A partir do v. 30, encontra-se, novamente de forma abrupta, a mudança de dirigentes em Jerusalém. Agora, são os anciãos que governam. Isto é surpreendente, já que o autor, quando fala da comunidade cristã de Jerusalém, destaca os apóstolos como os seus dirigentes principais. Jürgen Roloff entende que isto seria possível a partir do ano 40 dC, quando se produz uma reestruturação na comunidade local e a iminência da parusia não tinha mais a urgência dos primeiros anos[31].

Além dos anciãos, há os profetas e os presbíteros. Isto nos leva a pensar que o relato é bem mais tardio, quando os apóstolos já não estavam presentes e na Igreja já se exerciam diversos ministérios. Esta temática é mais própria das cartas pastorais do que dos Atos.

28. KIRK, Andrew. *Igreja – Comunidade do serviço*. Niterói: Sepal/Vinde, 1989, p. 28-29.

29. COMBLIN, José. *Op. cit.*, p. 208.

30. LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1972, p. 171.

31. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 248.

Em 13,1-3, novamente o autor nos surpreende informando-nos de que na igreja de Antioquia havia profetas e mestres que eram os encarregados do ensinamento e da celebração da liturgia, de jejuar e fazer a oração. Segundo José Comblin, o autor dos Atos apresenta esta etapa de forma solene para salientar a importância decisiva desse momento na marcha do povo de Deus[32]. Estes profetas e mestres são pessoas que tinham o carisma mencionado por Paulo em 1Cor 12, sendo descritos como pessoas dotadas do conhecimento das Escrituras e com capacidade de instruir outros na fé cristã[33]. Detalhadamente o autor apresenta esta nova fase da igreja de Antioquia. Dentre os dirigentes da comunidade não são mencionados presbíteros, como no caso da comunidade de Jerusalém[34].

Nesta perícope não se fala de perseguidos, nem de pregação aos judeus e gregos, nem de profetas e suas profecias. Fala-se e informa-se sobre uma comunidade estruturada, organizada, dirigida novamente só por homens e em clara disposição missionária. Pablo Richard acrescenta que é uma equipe multicultural e diversificada[35].

Temos percebido que é típico do autor surpreender com outras notícias, assim como apresentar listas de dirigentes. É a terceira vez que o livro dos Atos apresenta uma lista. Já o fizera em 1,13 e 6,5. Nesse novo caso, a lista cumpre dois objetivos. Primeiro, menciona o nome de cada um e, segundo, menciona o lugar de origem de cada pessoa. Este relato, onde se incluem várias informações sobre a vida e o ministério da comunidade cristã de Antioquia, também deixa claro a importância e influência da ação do Espírito Santo, o qual se manifesta no meio da celebração litúrgica e em meio aos dirigentes[36] da comunidade. É importante destacar que neste caso a manifestação do Espírito Santo é por meio da palavra e para iniciar uma outra etapa na vida da comunidade cristã de Antioquia.

O Espírito Santo acompanhou Felipe na sua missão (At 8,39), logo se faz presente pela fala do profeta Ágabo e, agora, fala no meio da celebração litúrgica. O autor dos Atos quer também mostrar a contínua presença e acompanhamento do Espírito na vida dos helenistas e suas comunidades. Nesse sentido o texto de Schweitzer aclara a ação, a presença e o acompanhamento do Espírito Santo na vida das comunidades cristãs primitivas, e mostra como ele se manifesta de diversas formas:

> *"Certamente, porém, Lucas, com este relato, quer afirmar que o Espírito de Deus penetra na comunidade de forma surpreendente e como estranho. E isso é também visto, corretamente, em sentido histórico. A comunidade em*

32. COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*, vol. II, p. 20.

33. *Comentario bíblico San Jerónimo – Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1972, vol. I, p. 488-489.

34. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 93.

35. *Ibidem*.

36. Temos a dizer que o texto não fala de dirigentes. Nós usamos essa expressão.

Jerusalém já deve ter experimentado a nova vinda do Espírito. Todos os profetas mais notáveis, cujos nomes Lucas ainda conhece, descendem de Jerusalém (At 11,27-28; 15,32; 20,8-11) e também entre os mencionados em 13,1 há pelo menos alguns originários da Palestina. Esses profetas assemelham-se a personagens veterotestamentários. Eles predizem o futuro (também At 20,23; 21,4)"[37].

Nesta etapa da comunidade de Antioquia, são vários os aspectos novos que devemos considerar na nossa análise. Os profetas e mestres são as figuras que sobressaem e são o lugar onde o Espírito Santo se manifesta. Neste caso, o relato, se comparado com At 6,1-6, tem uma evolução. Isto é, em At 6,1 é a comunidade que escolhe os dirigentes. São eles e elas que julgam quais são os sete homens de boa fama, repletos do Espírito e cheios de sabedoria. Neste caso de At 13,1-3, é o Espírito Santo que, dentre as cinco pessoas mencionadas, escolhe duas delas.

Esta perícope reflete outra realidade que está acontecendo na comunidade de Antioquia, diferente da que acontece em Jerusalém. Nesta comunidade, a estrutura de governo não é evidente. Continua-se com ministérios carismáticos, onde o Espírito Santo tinha um papel central sem fazer uma distinção funcional ou ministerial entre os profetas e mestres. Ambas as funções, independente dos carismas que indiquem, atuam e estão sob a ação do Espírito Santo. Não existem autoridades superiores e inferiores. Existe um princípio de igualdade e fraternidade. Os dois grupos realizavam funções semelhantes. Ambos pregavam, ensinavam, cuidavam da instrução da comunidade, realizavam prodígios e milagres, assim como presidiam a celebração litúrgica e legitimavam os delegados, impondo as mãos sobre eles e enviando-os para a missão.

A lista dos profetas e mestres é encabeçada por Barnabé[38], já conhecido no livro dos Atos e um dos mais influentes e importantes cristãos da missão fora de Jerusalém e figura destacada da comunidade de Antioquia (conforme At 4,36 e 11,22). Este levita, nativo de Chipre, aparentemente antes de viajar para Antioquia estava, temporariamente, na cidade de Jerusalém. Ele tinha ali um terreno.

Perante a possibilidade de uma leitura semântica do nome de Barnabé é difícil ter uma idéia de consenso. Temos ao menos duas alternativas. A primeira delas é que seu nome era efetivamente Barnabé, pelo que ele não teria origem levita. Seria uma criação do autor do livro. A segunda possibilidade é que Barnabé era só um apelido e, então, a proposta de leitura etimológica do autor não é histórica e poderia ter-se confundido com o nome de Manaém, que em arameu significa o "consolador"[39].

A seguir, vem Simeão, apelidado de negro. Essa indicação, na apresentação de Simeão, indica também sua procedência. Ele é da África[40].

37. SCHWEITZER, Eduard. *O Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 66s.

38. RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 89.

39. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 133.

40. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 258, acrescenta que ele seria membro de uma família africana de prosélitos.

Em terceiro lugar, é indicado Lúcio. Esse pertencia ao grupo de judeus da diáspora com residência em Cirene. Talvez fizesse parte do grupo daqueles que pregavam também o evangelho aos gregos (At 11,20). Alguns pesquisadores têm ligado esse Lúcio com o Lúcio de Cirene, mas esta relação não parece possível[41].

Em quarto lugar, é mencionado Manaém. Esse apresenta duas diferenças em relação aos anteriores. Ele tem nome hebraico e provinha de uma família, ao que parece, influente. Deduzimos isto da informação de que tinha sido criado (tecnicamente significa "irmão de leite") na corte do rei Herodes. *Syntropos* era usado na corte para indicar os meninos que se educavam com um príncipe.

E, finalmente, em último lugar, é mencionado Paulo, um fariseu convertido da cidade de Tarso. Não sabemos quanto tempo havia transcorrido desde que Barnabé foi procurar Paulo em Tarso, mas mesmo assim Paulo já aparece como um dos mestres e doutores da comunidade local. Jürgen Roloff acredita que esta localização de Paulo, no último lugar, tem a ver com uma questão de idade[42] e não indica, necessariamente, o nível de importância no interior da comunidade. Mas, de fato, a menção a Barnabé, como primeiro da lista, denota preeminência sobre os outros.

Está claro que os profetas e mestres celebravam o culto, já que se faz menção da liturgia nesse contexto. Eles também jejuavam. Esses dados refletem a prática celebrativa da comunidade cristã local, além de revelar o lugar onde se manifesta o Espírito Santo. Isso legitima a celebração do culto, ao mesmo tempo que indica uma comunidade inspirada e dirigida pelo Espírito. Nesse espaço se dá a legitimação dessa comunidade entre os pagãos, a qual é confirmada pelo Espírito Santo. É nessa condição que a comunidade, ouvindo a fala do Espírito, impõe as mãos aos escolhidos[43], deixando assim claro que a comunidade atua e vibra com a tarefa para a qual os seus membros estão sendo convocados. Esta ação de imposição das mãos não é, tecnicamente, uma ordenação mas é a confirmação e uma bênção por parte da comunidade, para a missão à qual foram chamados dois dos seus membros.

As perícopes estudadas não oferecem informação muito ampla sobre a situação social da comunidade de Antioquia. Ao que parece, dentre os mestres e profetas, alguns deles poderiam ter alguma localização social. Mas de fato não podemos afirmar com certeza. Podemos dizer que a situação econômica não era das piores. Não sabemos como era a situação dos outros e das outras membros da comunidade. De fato, não temos nenhum motivo para pensar que era boa. Se levamos em consideração a opinião do discurso verdadeiro de Celso, temos que pensar que a comunidade de Antioquia não podia ser diferente das outras comunidades. Celso, citado por Hoornaert, descreve, assim, aos cristãos:

41. *Comentario bíblico San Jerónimo. Op. cit.*, p. 488.

42. ROLOFF, Jürgen. *Op. cit.*, p. 260.

43. *Comentario Bíblico San Jerónimo. Op. cit.*, p. 488.

Os cristãos, por sua vez, são "um punhado de gente simples, grosseira e perdida moralmente, que constitui a clientela ordinária dos embusteiros" (n. 6), "ignorantes, fechados, incultos e simples de espírito, almas vis e ignóbeis, escravos, mulheres pobres e crianças" (n. 37), "tecelões de lã, sapateiros e calceteiros, gente de extrema ignorância e destituída de qualquer educação..." (n. 37), gente que vive "na tenda do sapateiro ou na loja do pisoeiro" (n. 37), "gente grosseira e impura"[44].

Quanto ao uso do termo igreja nos Atos, nestes capítulos não aparece, necessariamente, com a conotação estrutural ou hierárquica[45].

Conclusão

Neste trabalho, nossa tarefa tem sido oferecer algumas anotações exegético-pastorais sobre Atos 11,19-30 e 13,1-3. Nesse sentido, temos tentado fazer os levantamentos e algumas pesquisas.

Quanto à questão da unidade do texto, constatamos que se compõe de perícopes costuradas pelo autor e relacionadas num contexto geral.

Durante a nossa busca pela comunidade de Antioquia, descobrimos que ela foi se desenvolvendo com a contribuição de vários setores sociais. É uma comunidade que acolhe, prega e faz missão. Acolhe os helenistas que fogem de Jerusalém, a partir dos acontecimentos produzidos pela morte de Estêvão. Também acolhe as pessoas vindas de Cirene e Chipre. A comunidade, formada pelos perseguidos e pelas pessoas da cidade, prega o evangelho. Numa primeira fase, prega aos judeus e, depois, aos gregos. Esta comunidade recebe profetas itinerantes, envia missionários e faz coleta para os pobres das outras cidades.

A comunidade é composta por vários tipos de pessoas e com diferentes carismas. Entre os carismas se destacam o dos profetas e o dos mestres. Esses, junto com as tarefas cotidianas da comunidade, também celebram a liturgia, fazem oração, jejuam, escutam a fala do Espírito Santo e obedecem os mandados dele. É uma comunidade dirigida por um grupo de cinco pessoas, as quais o Espírito Santo legitima por meio de sua fala.

Esse resto conseguiu criar uma nova comunidade e sobreviver ao conflito gerado na comunidade de origem. Essa situação, que é um conflito sério na vida das comunidades primitivas, é tratada pelo autor como algo que não afetou a comunidade, mas que, de fato, provocou uma situação muito complexa e uma certa divisão na comunidade de Jerusalém.

44. HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 47, citando o "Discurso verdadeiro" de Celso conforme está conservado no "Contra Celso" de Orígenes.. Podemos dizer que, mesmo que o texto esteja carregado de preconceitos e exageros, não deixa de ser eloqüente na forma como fala dos cristãos e os descreve.

45. BROWN, Raymond E. *A igreja dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 78.

A comunidade de Antioquia fez uma mudança grande em relação às práticas judaicas observadas em Jerusalém, isto é, a não observância do sábado, das leis alimentares, e a não obrigatoriedade da circuncisão. Isso foi possível pela liberdade e independência que os dirigentes de Antioquia tinham perante as outras comunidades.

O resto desprezado foi capaz de repensar a proposta do cristianismo em face da realidade da exclusão e perseguição que enfrentavam. Sua proposta, ao que parece, foi um grande acerto, e atingiu cidades e pessoas muito distantes e diferentes.

Nos textos estudados, procuramos verificar a unidade literária que os próprios textos bíblicos oferecem, assim como também fizemos uso dos comentários e das pesquisas feitas por outros pesquisadores.

A proposta de ler os atos dos helenistas a partir da perspectiva do resto está feita. Esperamos ter oferecido alguns elementos para tal propósito.

Hoje também na sociedade existem e criamos muitos restos que são desprezados, perseguidos e discriminados. Nessa prática, as igrejas não têm escapado, mas, às vezes, têm sido muito mais radicais que a própria sociedade civil. Os textos dos Atos têm mostrado a vida e obra de um resto específico que conseguiu sobreviver à perseguição e oferecer uma outra face da missão cristã. Talvez, hoje também, estes restos possam desafiar-nos e indicar-nos novos caminhos para a missão da Igreja.

Daniel Godoy Filho
Avenida Atlântica, 147
Vila Valparaíso
09060-000 Santo André, SP